

Ao tempo em que se inicia a narrativa — pleno inverno —, um primo de Axel, o Comandante Kaspar, chegara ao castelo e tivera notícia do tesouro. O Comandante, que declara "Eu sou a vida real!", é representado por um plebeu insuportável. A vida puramente reflexiva e imaginativa de Axel parece, ao primo, mórbida, improfícua e vazia, e ele tenta seduzi-lo e aliciá-lo com histórias sobre as glórias da corte e os prazeres da conquista amorosa; o jovem Conde, porém, com os seus gostos delicados e a sua impetuosa altivez, repele polidamente tais sugestões. Entretanto, quando o Comandante toca no assunto do tesouro, o jovem chama imediatamente um criado e ordena-lhe que traga duas espadas. Revela então, em linguagem grandiloqua, seu desprezo pela concepção que o Comandante tem de honra e prazer; explica a sua repulsa à, e voluntário exílio da, sociedade que traiu e matou-lhe o pai; afirma sua supremacia e desdenhosa independência nas brenhas da floresta que escolheu para morar; recapitula, com excessiva minúcia, as forças leais que pode convocar para sua defesa; descreve, impressivamente, os poderosíssimos exércitos a serem esmagados —, e num duelo, trepassa o Comandante.

Entrementes, o segredo do paradeiro do tesouro foi descoberto, num Livro de Horas que pertencera à mãe de Axel, por uma jovem fidalga francesa que fora posta no convento ao qual o livro havia sido doado. A moça leva a cabo uma fuga audaciosa, bem na hora em que as freiras quase conseguiram obrigá-la a tomar véu, e acha o caminho do castelo de Axel, onde este lhe oferece pousada para a noite. Sara aguarda até o momento em que julga estarem todos adormecidos, e desce, então, às ocultas, para a cripta subterrânea do castelo onde estão os túmulos da família. Localiza certa caveira heráldica, comprime com a ponta de uma adaga um botão entre os olhos da caveira: um painel desliza e derrama uma catadupa de ardentes moedas de ouro, uma torrente de pérolas e diamantes. Contudo, ao fim de um instante, ela se dá conta de que Axel estivera a espreitá-la, despercebido; sacando duas finas pistolas de aço, dispara-as contra ele, uma após outra: logra apenas feri-lo ligeiramente no peito. Axel a agarra e arranca-lhe a adaga, com a qual ela se preparava para atacá-lo, mas a moça é tão bela quanto ele bem-parecido, e dentro em pouco ambos estão apaixonados.

Sara revela ser também rosa-cruz: sua fuga do convento fora assinalada pelo florescimento da rosa mística. Ela e Axel se abraçam num êxtase: pela primeira vez, esses dois espíritos castos e altaneiros encontraram objetos dignos de sua paixão. "Diz, amado", sussurra Sara a Axel, falando como que em sonho, "viajarias até

aquelas terras onde as caravanas desfiliam à sombra das palmeiras de Caxemira ou Maiçor? Até Bengala, para escolher, nos bazares, rosas, estofos e donzelas armênias, alvas como a pele do armênio? Recrutarias exércitos e, como um jovem Ciaxares, fomentarias a rebelião no Irã setentrional? Ou velejaremos, antes, para o Ceilão, com seus elefantes brancos a carregar torres de vermelhão, com suas ígneas araras nas árvores e suas moradas empapadas ao sol, onde o chuvaire das fontes jorra em pátios de mármore?... Quão deleitoso deslizarmos, em nossos patins, pelas estradas da pálida Suécia! Ou pela região de Cristiana, por entre os ofuscantes fiordes e desfiladeiros das montanhas da Noruega!" — e assim por diante, em quatro páginas compactas. Têm eles o mundo inteiro nas mãos — têm amor, juventude, posição social, poder, o amparo sobrenatural dos espíritos rosas-cruzes e um tesouro no valor de trezentos e cinquenta milhões de *thalers* — "todos os sonhos a realizar", diz Sara.

Mas nesse ponto Axel, "grave e impenetrável", faz soar uma nota inesperada. "Por que realizá-los?", pergunta. "São tão bellos!" E ao apelo de Sara "vem viver!" — retruca: "Viver? Não. Nossa existência atingiu a plenitude, e sua taça transborda! Que ampulheta poderá contar as horas desta noite? O futuro?... Sara, acredita no que digo: acabamos de esgotar o futuro. Todas as realidades — que serão amanhã em comparação com as miragens que acabamos de viver?... A natureza de nossa esperança não mais nos consente a Terra. Que poderemos demandar a este miserável astro, onde nossa melancolia se arrasta, salvo nos pálidos reflexos de tais momentos? A Terra, dizes? Que realizou jamais a Terra, essa gota de lama congelada, cujo Tempo é apenas uma mentira nos céus? É a Terra — não vês? — que se tornou agora a ilusão! Admite, Sara: destruímos, em nossos estranhos corações, o amor da vida — e é em REALIDADE, de fato, que nos convertemos em nossas próprias almas. Consentir em viver, depois disso, seria cometer sacrilégio contra nós próprios. Viver? Nossos criados farão isso por nós... Oh, o mundo exterior! Não nos deixemos lograr pelo velho escravo, algemado aos nossos pés à plena luz do dia, que nos promete as chaves de um palácio encantado, quando, no negro punho cerrado, aperta tão-somente um punhado de cinzas! Agora mesmo falaste de Bagdá, de Palmira, de — que era mesmo? — Jerusalém, não? Se apenas soubesses que monte de pedras inóspitas, que estéril e calcinado solo, que tocas de odiosas criaturas, são tão miseráveis lugares em realidade — conquanto te pareçam fascinantes à luz das longínquas lembranças daquele Oriente ima-